

QUEM PARIU MATHEUS QUE SE BALANCE: MAIS TINTA SOBRE OS CLÍTICOS NO PB

Larissa Marchi da SILVEIRA¹

RESUMO: O objetivo central deste trabalho é analisar, sincronicamente, os fatores lingüísticos e extralingüísticos envolvidos em dois fenômenos referentes aos clíticos reflexivos, especialmente os de 1ª pessoa, no PB: de um lado, o apagamento desses pronomes, mesmo junto aos verbos ditos pronominais, como “Ninguém [se] machucou”; e, de outro, a generalização da forma *se* para todas as pessoas gramaticais, como em “Eu se distraio” e “Nós se conhecemo”. Além dessas ocorrências, os dados têm revelado usos atípicos do *se*, como no exemplo que dá título a este resumo, além dos casos de redobro de clítico. Assim, conjugando, de acordo com os pressupostos de Tarallo e Kato (1989), o quadro teórico da Gramática Gerativa à Sociolingüística Laboviana e Paramétrica, este trabalho procura dar continuidade aos estudos sobre clíticos no PB, considerando para a análise os seguintes fatores: (i) a noção de reflexividade; (ii) a não-concordância que é acarretada pelo uso de *se* em vez de *me/nos*; (iii) a ocorrência, ainda que baixa, de sentenças como “Ela se separou-se” do outro marido; e (iv) o fato de que nos casos de redobro sempre há concordância entre o clítico e o XP. Para a investigação, a pesquisa analisará dados do PB falado, divididos em duas partes: (i) entrevistas com informantes e (ii) fala veiculada pela televisão em um programa de auditório. As entrevistas estão sendo extraídas do *corpus* organizado pelo Projeto Alip, com amostras da língua falada em São José do Rio Preto e mais sete municípios vizinhos. O perfil social de tais informantes foi definido por quatro variáveis sociais: gênero, faixa etária, nível de escolaridade e renda familiar. A outra parte do *corpus* será proveniente de gravações do programa televisivo “Casos de Família”. Após a coleta e codificação, os dados serão tratados estatisticamente segundo grupos de fatores definidos a partir das hipóteses.

ABSTRACT: This paper presents a synchronic description of Brazilian Portuguese’s sentences as *Eu se distraio* and *Quem pariu Matheus que se balance*, in that we can notice an unexpected use of the clitic *se*. The problem is discussed within the theoretical frame of Generative Grammar in the Model of Principles and Parameters and the Minimalist Program, as well as the framework proposed by Labov. The main focus is on the analysis of the first person use of the clitic through the study of reflexivity as well through the factors conditioning this kind of syntactic construction.

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvo atualmente dissertação sobre o status dos pronomes anafóricos de primeira pessoa no Português Brasileiro (doravante PB)². O objetivo central do trabalho é analisar, sincronicamente, os fatores lingüísticos e extralingüísticos envolvidos em dois fenômenos referentes a tais pronomes: de um lado, seu apagamento, mesmo junto aos verbos ditos pronominais, como *Ninguém [e] machucou*; e, de outro, a generalização da forma *se* para todas as pessoas gramaticais, como em *Eu se distraio* (1ª singular) e *Nós se conhecemo* (1ª plural). Além dessas ocorrências, os dados têm revelado ainda usos atípicos do *se*, como no exemplo que dá título a esse artigo e outros que serão citados

¹ Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. E-mail: lari_letras@yahoo.com.br. CNPq-Brasil. Orientadora: Sonia M. Lazzarini Cyrino.

² Entendo aqui como PB o português paulista, já que os dados analisados provêm de falantes do estado de São Paulo. Presume-se que a gramática gaúcha comporte-se de modo diferente com relação aos anafóricos em virtude da diferença do paradigma pronominal.

adiante. Assim, conjugando, de acordo com os pressupostos de Tarallo e Kato (1989), o quadro teórico da Gramática Gerativa, especialmente no modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) e do Programa Minimalista (PM), à Sociolinguística Laboviana e Paramétrica, este trabalho procura dar continuidade aos estudos sobre clíticos no PB.

A hipótese levantada, a princípio, era a de que tais pronomes, por se assemelharem em alguns aspectos aos casos de redobro de clítico (cf. Aoun, 1985; Suñer, 1988; Anagnostopoulou, 1999; Morais, 2002 e Duarte & Diniz, 2006) poderiam estar adquirindo status de afixos de concordância, instanciações de traços-phi decorrentes da operação AGREE que se dá entre o verbo e o objeto. Todavia, os dados mostram que outros fatores parecem influenciar a produção desse tipo de sentença, fatores esses que devem ser considerados na análise: (i) a noção de reflexividade; (ii) a não-concordância que é acarretada pelo uso de *se* em vez de *me* ou *nos*; (iii) a baixa ocorrência de sentenças como *Ela se separou-se do outro marido dela*, em que o clítico aparece repetido e (iv) o fato de que nos casos de redobro de clítico³ sempre há concordância entre o clítico e o XP.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A literatura: clíticos ou afixos?

Os clíticos representam o ponto de encontro entre morfologia, sintaxe e fonologia, sendo, por isso, alvo de estudos sob vários pontos de vista. Kayne (1975) levantou várias propriedades desses itens, dentre as quais o fato de serem fonologicamente fracos e, em virtude disso, não poderem aparecer sozinhos, devendo ser obrigatoriamente adjungidos a um hospedeiro. Isso faz com que muitas vezes eles se pareçam com afixos, o que gera uma questão amplamente discutida, mas até hoje em aberto: os clíticos são basicamente um tipo de pronome com limitações na distribuição sintática ou são variedades de afixos livres com dependências sintáticas como as da morfologia de concordância?

Segundo Everett (1996), uma verdadeira análise sobre os clíticos deve caracterizá-los com relação aos afixos de concordância e pronomes, uma vez que todos possuem um mesmo núcleo semântico e interagem significativamente em diversos fenômenos morfossintáticos. Assim, a proposta desse autor é de que pronomes, clíticos e afixos são epifenômenos, produzidos pela inserção de traços-phi em diferentes posições sintáticas. Assumindo que os traços-phi são [+nominal] e [+funcional], apenas dois locais de inserção são possíveis: AGR^0 e D^0 . Assim, tem-se que pronomes são traços-phi na posição D^0 ; clíticos são traços-phi em AGR^0 , adjungidos na sintaxe ao X^m , e afixos são traços-phi em AGR^0 , incluídos dentro do X^0 . Em outras palavras, enquanto os clíticos são tratados como adjuntos, os afixos são vistos como complementos. Assim, segundo sua proposta, temos que a estrutura de (a) é um legítimo subconjunto (cf. Berwick (1985) e Manzini e Wexler (1987)) de (b), com relação ao número de galhos de X^0 :

³ Por redobro, entende-se os casos em que um clítico pronominal átono co-aparece com outro elemento (um XP) que é, em geral, o argumento interno de um verbo temático, como *Eu te_i vi você_i* (cf. DUARTE, F. B. & DINIZ, C. R., 2006).

- a. $[x^0 \text{ AGR}] \text{ AGR} = \text{afixo}$
- b. $[x^0 \text{ AGR} [x^0 \dots]] \text{ AGR} = \text{clítico}$
- c. $[\text{AGR} \dots] [x^0 \dots] \text{ AGR} = \text{palavra livre ou clítico simples}$

Se isso for correto, então o *Princípio do Subconjunto* prevê que crianças adquirindo uma língua assumam a configuração (a) antes da configuração (b), abandonando (a) somente como o resultado de evidência positiva. Esse fato prevê, então, que um AGR aberto será primeiro hipotetizado como sendo um afixo e somente depois como um clítico.

Galves (2001), seguindo a teoria do PM, aborda o tema do enfraquecimento da concordância no PB falado, atribuindo o fato à perda do traço [pessoa]. Sua análise é baseada em algumas hipóteses, das quais duas merecem destaque: (i) os clíticos são feixes de traços pronominais (traços-phi), ou seja, em termos categoriais, correspondem à categoria AGR; (ii) eles podem ser gerados diretamente em posições argumentais, sofrendo adjunção ao verbo em seguida, e, nesse caso, tem-se a próclise [Cl + V], mas eles podem também ser morfologicamente associados ao verbo antes do início da derivação, correspondendo a uma palavra já formada no léxico, inserida na derivação como os traços de concordância e tendo o mesmo estatuto que eles em relação à teoria da verificação, quando se tem, então, a ênclise [V + Cl].

2.2. A literatura: a questão da reflexividade

Veado (1980), ao analisar o uso do pronome reflexivo *se* em uma região rural de Minas Gerais, situada entre as de maior índice de analfabetismo, demonstrou haver uma dificuldade significativa quanto à compreensão de expressões contendo tal pronome. Ressalta-se que o que parece haver, de fato, é uma falta de associação do clítico *se* à noção de reflexividade, a qual é detida sim pelos falantes, mas por outras formas de expressão. O resultado da pesquisa revela, por exemplo, que os falantes da região estudada preferem à reflexivização por meio do pronome *se* o emprego de expressões como *ele(a) mesmo(a)* ou o uso intransitivo de verbos, como em *O jeito é a gente conformá*.

Moreira da Silva (1983, apud Lemle, 1985), também com relação ao dialeto mineiro, pontuou que o uso das formas reflexivas clíticas no PB estaria restrito à língua padrão (formal), de modo que na língua oral coloquial a realização reflexiva, mesmo junto aos verbos intrinsecamente pronominais, estaria sendo feita por meio do uso do pronome *ele* (correferente com o sujeito) ou por meio de *zero*, dando lugar a construções do tipo [V + ele] e [V + zero]. D'Albuquerque (1984) verificou que a ausência do pronome anafórico abre espaço para outras alternativas, como expressões com sentido passivo e substituição de verbos que tornariam a sentença ambígua sem a presença do pronome (*Ele se matou* e *Ele suicidou*). Lemle (1985), retomando a proposta de Moreira da Silva, afirmou que enquanto o dialeto mineiro e o carioca se assemelham no uso da variante zero com um determinado subconjunto de verbos pronominais, eles diferenciam-se quanto à boa formação de sentenças como *João se vê no espelho* e *João vê ele (mesmo) no espelho*, mas não de *João vê [e] no espelho*. Assim, a conclusão a que ela chega é a de que no dialeto mineiro o pronome *ele* teria perdido o poder de possuir um índice referencial próprio, passando então a ter referência presa na oração, como uma

anáfora, fato que não ocorre no falar carioca. Tal proposta é discutida ainda por Galves (1986), que pontua que em *João vê ele no espelho, ele não é reflexivo de João* como seria o *se*, assim como é impossível de se obter a interpretação anafórica em *João viu [e] no espelho*, já que João e [e] não podem ser interpretados como se remetendo ao mesmo tópico. Dessa forma, Galves pontua que aparentes interpretações reflexivas em frases como *João operou ontem* deverão ser consideradas como resultado de modificações lexicais na estrutura temática do verbo, e *zero* e *se* vão variar somente nos casos em que houver detematização, isto é, casos em que o *se* é [-temático].

Nunes (1990, 1995) também tece considerações sobre o *se* anafórico. Segundo o autor, os clíticos podem representar a visualização de funções temáticas, de modo que a estrutura temática do predicado na sentença *João matou-se* torna-se visível graças ao uso do anafórico, enquanto em *X matar Y*, X e Y simbolizam duas funções temáticas distintas, subcategorizadas pelo verbo. Já em *João se arrependeu do crime*, os dois papéis temáticos subcategorizados pelo verbo estão saturados pelos SNs lexicais, não existindo papel temático disponível para o clítico. Na verdade, inexistente uma motivação que estabeleça um vínculo obrigatório entre clíticos anafóricos e realização de funções temáticas, mas, para o autor, todos os clíticos nominais devem selecionar um valor para os traços [+ - Argumento]; [+ - Caso]; [+ - Anáfora] e [+ - Pronome].

Nunes pontua ainda que o clítico anafórico *se* recebe Caso acusativo, assim como o *se* apassivador, e pode ou não absorver papel temático, constituindo uma espécie de operador gramatical quando não o faz, como em *João se foi*, em que o *se*, além de operador gramatical, figura uma significação mais enérgica do que em *João foi* (cf. Said Ali, 1957), constituindo o que se pode chamar de *se* enfático. Dessa forma, para a classificação do *se* deve-se avaliar (i) a absorção ou não de papel temático e (ii) as diferentes posições em que ele é gerado. Em seu artigo intitulado “Ainda o famigerado *se*”, o autor faz uma descrição sincrônica e diacrônica sobre a perda de clíticos anafóricos no português brasileiro, exemplificada por *Ele (se) chama João* e *Ontem eu (me) levantei bem tarde*, em função das especificações lexicais do verbo e do contexto sintático. Dentre os fatores internos analisados há o tipo de clítico, para o qual Nunes propõe a seguinte classificação: *se* reflexivo (recíproco ou não), *se* ergativo, *se* ex-ergativo, *se* quase-inerente, *se* inerente, *se* índice de espontaneidade, *se* apassivador, *se* indeterminador e *se* médio. Assim, enquanto os ergativos, inerentes e enfáticos são gerados numa posição de adjunção ao verbo, em que não absorvem papel temático e Caso, os reflexivos absorvem o papel temático reservado ao argumento interno, devendo estar obrigatoriamente associados a uma cadeia com Caso. Tal classificação será utilizada na codificação dos dados desta pesquisa.

3. MATERIAL, MÉTODOS E FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Seguindo a proposta de Tarallo (1990), para quem o modelo de análise desenvolvido por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo, esta pesquisa procura aliar a teoria gerativa à metodologia variacionista de coleta, quantificação e análise de dados.

Tal análise baseia-se apenas em dados do PB falado, ainda que no decorrer da pesquisa tenha se registrado também alguns dados escritos. O corpus é composto por

duas partes: (i) dados coletados por meio de entrevistas com informantes e (ii) fala veiculada pela televisão em um programa de auditório. As entrevistas com informantes foram extraídas do corpus organizado pelo Projeto Alip, financiado pela FAPESP e desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional do Ibilce/UNESP, que teve a iniciativa inédita de constituir o primeiro banco de dados, que recebe o nome de Iboruna, organizado com amostras da língua falada no interior do Estado de São Paulo, abrangendo São José do Rio Preto e mais sete municípios vizinhos. O perfil social de 152 informantes foi definido por quatro variáveis sociais: sexo/gênero, faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos; e idade superior a 55 anos); nível de escolaridade (1º ciclo do EF; 2º ciclo do EF; ensino médio; ensino superior) e renda familiar (até 5 salários mínimos; de 6 a 10 SM; de 11 a 24 SM; mais de 25 SM).

A outra parte do corpus é constituída por aproximadamente 80h de gravações do programa televisivo “Casos de Família”, veiculado diariamente pela emissora SBT. Em tal programa, os falantes são instigados a falar de seus problemas pessoais a partir de perguntas feitas pela apresentadora. Geralmente, os entrevistados são pessoas simples e, ao que parece, com baixa escolaridade, haja vista o pouco domínio que têm da norma culta.

A codificação de tais dados está sendo realizada para um posterior tratamento estatístico a partir do programa GoldVarb. A variável dependente é analisada segundo 14 grupos de fatores (tipo de verbo, tipo de clítico, grade temática do verbo, grupo verbal, tipo de grupo verbal, tipo de pronome, concordância/não-concordância, casos de gatilho⁴, tipos de relato, sexo, faixa etária, escolaridade e classe social) definidos a partir das hipóteses e a interpretação dos resultados quantitativos será realizada sob a luz dos pressupostos teóricos que embasam o estudo, a fim de responder aos questionamentos que se seguem.

4. CONCLUSÃO: *QUEM PARIU MATHEUS QUE SE BALANCE!*

Os dados coletados revelam que o status do clítico anafórico vem realmente se alterando, em virtude dos inúmeros usos que os falantes fazem da língua.

E: *Mas vocês se separaram mas continuaram na mesma casa?*

F (40): *Assim, a gente se separamo assim de corpos, né?*⁵

E: *Mas você não achou ruim, não achou, não se sentiu vigiado?*

M (33): *Se senti, se senti, né, porque ela já ta com muita desconfiança de mim.*

E: *E se encontraram por acaso?*

F (21): *É, se encontramos no mesmo lugar.*

⁴ Dentre a variedade terminológica, encontramos denominações como “gatilho”, “traço popular”, “repetição”, etc [...]. para uma espécie peculiar de paralelismo. A metáfora expressa por este nome parece ideal para veicular a idéia de que na fala no entrevistador há formas que podem desencadear outras na fala do informante (Costa, 1997: 97-99).

⁵ Legenda: E: Entrevistador, F: informante do sexo feminino, M: informante do sexo masculino, (:): idade.

E: *Se dão bem?*
F (23): *É, se damo.*

E: *E por que você se sente seguido se o trabalho de vocês é junto?*
M (40): *Por que eu [e] sinto seguido? Porque tem um porém...*

F (29): *Não, ele já se acostumou-se. Ela é praticamente minha irmã*

Sabe-se que, mesmo havendo um problema de concordância no uso de *se* em vez de *me/nos*, não estamos diante de uma perda de concordância de 1ª pessoa, haja vista o fato de que o clítico *me* está em amplo uso em outros contextos, como no acusativo e nos casos de redobro. Hipotetiza-se que a estrutura interpretada pelo falante em *Eu se distraio* simplesmente não identifica uma relação argumental entre *se* e o verbo no mesmo plano que identifica a relação argumental entre *eu* e o verbo, o que faz pensar que o pronome *se* esteja ali cumprindo uma outra função. Uma função que, em alguns casos, é desnecessária, já que ao lado desse tipo de uso há também o apagamento do clítico. Assim, parece atuar um processo que apaga ou esvazia o conteúdo argumental do clítico, assim como ocorre com os clíticos inerentes, que não têm conteúdo semântico ou morfossintático, não expressam relação argumental com o verbo e dele não recebem papel temático. Desse modo, enquanto um fator semântico faz cair a marca morfológica de reflexividade semanticamente vazia, um fator lexical preserva o molde formal do verbo reflexivo/pronominal,

A interpretação do clítico como matrizes de traços-phi, geradas como morfemas livres ou presos e em posições diversas, em função da parametrização das categorias funcionais da língua também é uma hipótese, mas um fato que deve ser lembrado é que nos casos de redobro, em que se interpreta o clítico não como um DP argumento temático do verbo, mas simplesmente como instanciações de traços-phi, sempre há concordância, como em *Foi essa doida que me_i pôs eu_i aqui*. Portanto, é necessário verificar, a partir da codificação e análise dos dados, os ambientes sintáticos e semânticos das ocorrências encontradas, a fim de responder o que, no português brasileiro, permite com que os falantes façam usos tão diversificados dos pronomes clíticos, fazendo correr cada vez mais tinta no papel a cada nova análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALI, M. Said (1957). "O pronome se", in: ALI, M. Said, *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, pp. 89-104.
- ANAGNOSTOPOULOU, E. (1999). *On double alternations and clitics*. Dissertação de mestrado. University of Maryland.
- AOUN, J. (1985). *A grammar of anaphora*. Cambridge, MA: MIT Press.
- BERWICK, R. (1985). *The acquisition of syntactic knowledge*. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on Government and binding*. Dordrecht, Holanda: Foris.
- _____. (1982). *Some concepts and consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge: MIT Press.
- _____. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.
- COSTA, A. L. dos P. (1997). *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ.
- D'ALBUQUERQUE, A. (1984). "A perda dos clíticos num dialeto mineiro", in: *Tempo Brasileiro*, pp. 97-120.
- DUARTE, F. B. (2006). *Caso, função sintática e papéis temáticos*. No prelo.

- DUARTE, F. B.; DINIZ, C. R. (2006). *O redobro de clíticos no PB*. Belo Horizonte: UFMG.
- EVERETT, D. (1996). "Why there are no clitics. An alternative perspective on pronominal allomorphy", in: *Publications in Linguistics* 123, S.I.L and University of Texas at Arlington.
- GALVES, C. (1986). "A interpretação reflexiva do pronome no PB", in: *D.E.L.T.A* 2(2), pp. 249-264.
- _____. (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- KAYNE, R. (1975). *French Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LEMLE, M. (1985). "Pronomes, anáforas zero: observações sobre uma mudança lingüística", in: *D.E.L.T.A* 11(2), pp. 201-40.
- MANZINI, M. R.; WEXLER, K. (1987). "Binding theory, parameters, and learnability", in: *Linguistics* 18, pp. 413-444.
- MORAIS, M. A. C. R. T. (2002). "A preposição e a caracterização do objeto indireto: aspectos sincrônicos e diacrônicos". Trabalho apresentado no V Seminário Nacional para a História do Português Brasileiro.
- NUNES, J. (1990). *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP.
- _____. (1995). "Ainda o famigerado se", in: *D.E.L.T.A* 11(2), pp. 201-240.
- SUÑER, M. (1988). "The role of agreement in clitic-doubled constructions", in: *NLLT* 6, pp. 391-434.
- TARALLO, F.; KATO, M. (1989). "Harmonia transistêmica: variação intra- e interlingüística", in: *Preedição*, 8.
- TARALLO, F. (1990). *A pesquisa sociolingüística*. 3ª edição. São Paulo: Ática.
- VEADO, R. M. A. (1980). *Comportamento lingüístico do dialeto rural de Minas Gerais*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, UFMG.